

COMO NASCE UM JUSTICEIRO

Ariovaldo Malaquias*

São inúmeros os problemas com os quais os migrantes se defrontam nas grandes metrópoles, bem como são inúmeras e variadas as estratégias forjadas pelos mesmos para fazerem frente à imperiosa necessidade de sobrevivência. No macro universo que constitui a Grande São Paulo, baseado em minha dissertação de mestrado - "O Cotidiano do Morador da Favela de Heliópolis"¹ - procurei descrever uma das facetas que envolve o dia-a-dia dos habitantes de Heliópolis na dura batalha pela vida: a convivência com o mundo do crime e da violência. Trata-se, antes de mais nada, de um olhar muito próximo dos fatos e, sobretudo, a partir de dentro dos mesmos quando quem fala são os próprios moradores.

Heliópolis: uma cidade de migrantes

A favela de Heliópolis localiza-se na Zona Sudeste de São Paulo (bairro do Ipiranga), distando pouco mais de dez quilômetros do centro da cidade, em uma área de um milhão de metros quadrados. Com mais de vinte anos de existência, cerca de cinquenta mil habitantes (o equivalente a uma cidade do interior), a favela expandiu-se muito nos últimos anos; agora ela cresce para cima, pois para os lados quase não mais existem espaços disponíveis. Para ocupar a área vieram migrantes de quase todos os estados do país, especialmente do Nordeste, que somados aos moradores mais antigos foram construindo.

Há um certo consenso social em enxergar a favela como um lugar sem estética, feia, construída de forma irregular e com material não adequado. Ao não perceber a história da favela, os motivos que a fizeram aparecer, ela passa a representar o lixo social, um lugar onde não existe conforto, esconderijo de bandidos, sinônimo de vagabundagem. A favela representa um incômodo aos vizinhos, desvaloriza monetariamente as moradias próximas, além de colocar em "risco" os moradores dos bairros próximos. O desconhecimento das causas reais do nascimento da favela e o preconceito que se formou na sociedade em torno dela está bem presente no dia-a-dia do morador da favela.

Heliópolis surgiu em 1971, com alguns alojamentos de madeira (um cômodo) construídos pela Prefeitura para abrigar famílias despejadas de outras áreas (favelas de Vila Prudente e Vergueiro)². Os alojamentos localizavam-se próximos ao centro comercial do Sacomã, e inicialmente abrigavam duzentas famílias. Segundo antigos moradores, eles tinham acompanhamento de assistentes sociais da Prefeitura, que afirmavam ser ali um lugar provisório pois em pouco tempo todos mudariam para casas de alvenaria.

Aos poucos outras famílias foram chegando e levantando mais barracos ao lado dos alojamentos. A favela começava a crescer e também a aumentar rapidamente os seus problemas. Hoje, apenas no chamado Núcleo Heliópolis, o berço da favela, existem mais de 10 mil famílias e dois mil barracos e casas de alvenaria; o local é considerado o mais adensado de Heliópolis.

Conforme um morador, o confinamento da favela próximo aos alojamentos deveu-se à repressão dos órgãos públicos que não permitiam ocupações ao longo da Estrada das Lágrimas, onde existiam vários campos de futebol. Inclusive intimidavam as famílias que ali construía, demolindo os seus barracos. Os campos de várzea nasceram da falta de espaços nos bairros vizinhos e logo os donos dos clubes apropriaram-se dos terrenos. Com o tempo os moradores organizados foram tomando essas áreas. Isso de certa forma explica o crescimento condensado da favela no chamado Núcleo Heliópolis onde até hoje as construções em madeira são em maior número e faltam equipamentos sociais.

Nos últimos dez anos a população de Heliópolis mais que dobrou³. É visível a mudança física da favela, especialmente barracos de madeira dando lugar a casas de alvenaria. Se as condições de moradia parecem ter melhorado, constata-se que essa melhoria relativa se deu mais por iniciativa dos próprios moradores do que pela intervenção dos órgãos públicos no local. A infra-estrutura continua precária; questões como falta de água, esgotos e pavimentação ainda não foram solucionadas. O espaço ocupado por cada família dentro da favela é bastante reduzido, com casas pequenas, às vezes de apenas um cômodo, a maior parte sequer com um pequeno quintal. A alta concentração demográfica provocou a verticalização da favela; quem constrói em alvenaria logo faz laje para subir a obra. Embora boa parte das casas seja habitada por uma única família (cinco pessoas ou mais), muitas

delas acomodam duas ou três famílias.

Em Heliópolis a rua é fundamental para a vida social do morador. É o espaço para crianças e adultos movimentarem-se, um local de convívio social onde passam boa parte do tempo livre. O espaço público é uma extensão da casa devido a exiguidade das moradias. Pela própria configuração física da favela, a preservação da privacidade não é a preocupação número um. Muitas vezes o que divide uma casa da outra é apenas uma folha de aglomerado de madeira.

A favela não nasceu de uma ocupação coletiva, mas de forma gradual, conforme a conjuntura econômica, política e social do país mudava seus rumos. A partir da segunda metade da década passada a ocupação da área deu um salto. Sem qualquer planejamento e infra-estrutura urbana, Heliópolis foi crescendo, numa mistura de barracos e casas simples. Ruas sem saída, inúmeros becos, ruelas estreitas, sem asfalto, sem esgoto, sem traçado. Embora a favela abrigue pessoas de baixo poder aquisitivo existem diferenças circunstanciais entre elas. Quem tem mais tempo de moradia na área por certo conseguiu melhorar sua casa, transformou o barraco em alvenaria.

A favela quase faz divisa com a cidade de São Caetano do Sul e dista poucos quilômetros de Santo André e de São

Bernardo do Campo, com acesso pela Via Anchieta. São localidades povoadas de indústrias, com grande potencial empregatício, e muitos centros comerciais, o que faz de Heliópolis um local valorizado.

O viver na favela não está dissociado do viver na cidade pois a maioria dos seus moradores trabalha fora da área. A inter-relação favela/bairro/cidade é condição essencial para a vida dos moradores. Há um intercâmbio de informações ligando a cidade a Heliópolis através da circulação dos moradores. No entanto, é para a favela que todos se dirigem ao final de um dia de trabalho; é lá onde a vida social acontece.

A desigualdade social leva ao crime

Conforme Pinheiro⁴, há hoje no Brasil cerca de 30 milhões de crianças e adolescentes até 17 anos, 41,3% da população. Nas favelas esse número aumenta para 52% do total, em precárias condições de vida. Sabemos que a criminalidade e a violência não acontecem apenas na favela, mas ali estão os fatores sociais e econômicos que permitem seu desenvolvimento com maior facilidade. Estudos recentes⁵ apontam que a maior parte das pessoas envolvidas na teia de atividades ilícitas

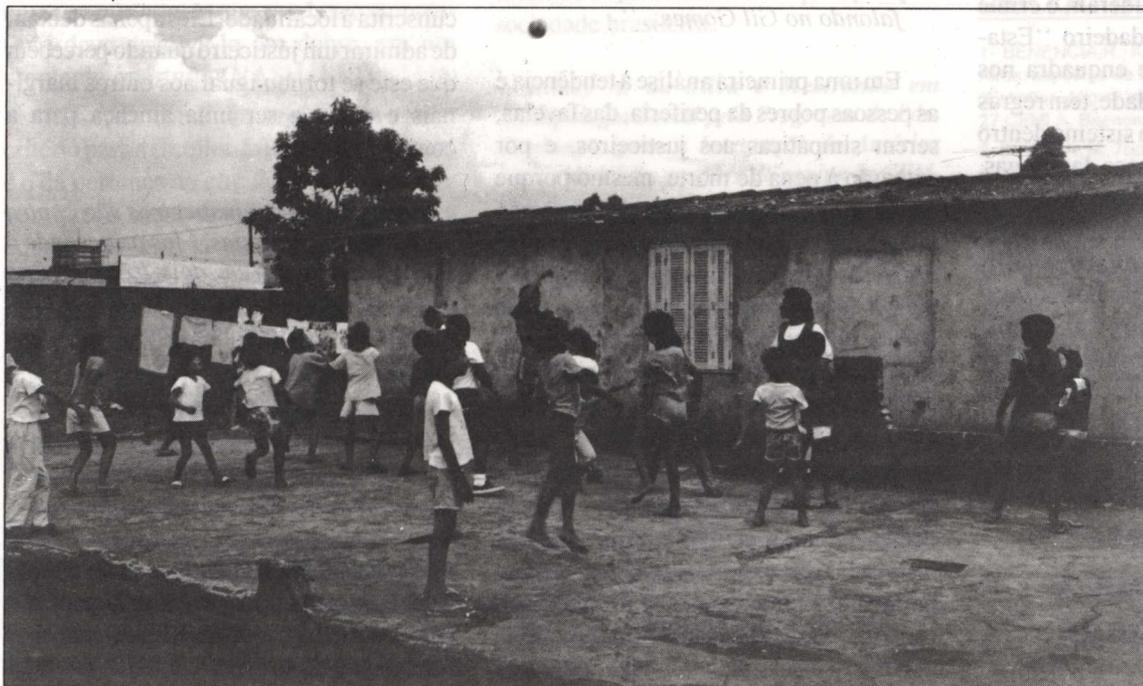
como roubos e a venda e consumo de drogas (maconha, crack, etc.), são menores de idade. Assim como a maior parte dos crimes cometidos, principalmente por grupos de extermínio, é contra menores pobres. Uma moradora da favela de Heliópolis⁶ define assim o caminho do crime:

“Eles são espertos, eles sabem de tudo. Se vacilar já fumaram maconha com dez anos... A criança aqui aprende mais fácil, está tudo à mão, ela está solta... alguns cuidam, outros não, vão trabalhar e deixam solta. Então a criança adquire o lado bom da esperteza, mas ela não tem o adulto para orientar. Andam por aí, tem criança de dez anos já envolvidas com droga, com maconha. No tempo em que trabalhei no OSEM (creche na favela), a maioria era crianças que apanhavam demais, as mães não ligavam pra elas. Tinha um que já estava fazendo pequenos furtos...”

A adultização precoce das crianças, a falta do lúdico substituído pelo trabalho nos cruzamentos para arrumar um “trocado”, as dificuldades financeiras e falta de orientação, levam algumas dessas crianças ao envolvimento com problemas que não estariam ao seu alcance em outra realidade. Criados “de qualquer jeito” como dizem os moradores, essas “crianças de rua” aproximam-se desde cedo das drogas, do latrocínio e da prostituição.

A “roda viva” do crime organizado vai fornecer as condições necessárias para a criança entrar em sua raia. A necessidade financeira, a curiosidade, a frustração diante da falta de perspectivas induz ao crime. Existem quadrilhas organizadas entre favelas, e entre essas e os bairros periféricos, fazendo a ligação com bairros de classe média na venda de

Foto cedida pelo autor



drogas. Essa atividade faz parte de uma "economia submersa", segundo alguns autores, sendo caracterizada como ilegal⁷. A favela é apenas um dos pontos atingidos pelo tráfico, considerando que o crime organizado por vezes começa até em outros países (o Brasil é conhecido receptor de drogas). Tanto a venda de drogas, como os roubos, etc., envolvem o aliciamento de menores. Quem entra dificilmente consegue sair diante das rígidas normas impostas pelo "sistema". Conforme um morador, "quem mata hoje é o que vai morrer amanhã", poucos chegam a completar a maioridade vivos. A aspiração social dentro do grupo destaca os mais ousados, os mortos pelos rivais ou pela polícia dão lugar aos outros que vêm na esteira da "roda viva".

"Ela (a criança) está com 14 anos, aí começa a passar fome em casa, aí vai pras esquinas das ruas: ou vai pra droga ou pra marginalização. Ela se marginaliza de alguma forma, ou com droga ou prostituição. Um monte de crianças que ganham a vida de qualquer jeito. Aí entra outro ciclo: aí começa a roubar, e aí a polícia elimina ou eles se eliminam entre si. Porque eles têm de seguir o padrão de malandro... são sempre a mesma turma que manda na questão da violência. Vem muito da miséria..."

Algumas análises consideram o crime organizado como um verdadeiro "Estado" paralelo, pois não se enquadra nos parâmetros legais da sociedade, tem regras próprias de ação e desafia o sistema dentro do sistema⁸. Forma-se, no caso das drogas, uma complexa teia de distribuição e arrecadação, proteção e amizades, entendida apenas por quem participa diretamente da rede. Recentemente o enterro de conhecido traficante do Rio de Janeiro foi acompanhado por centenas de moradores, mostrando a estreita ligação deste com a comunidade.

Justiceiro: subproduto da violência e criminalidade

Justiceiro, pé-de-pato, matador, dedomole, esses são alguns adjetivos que caracterizam pessoas que dizem fazer justiça pelas próprias mãos nas periferias dos centros urbanos. A maior parte dos justiceiros começa a matar para vingar algum familiar assassinado por marginais; depois acostuma-se a matar por outros motivos. Alguns acabam participando de quadrilhas e tornam-se marginais. Outros são marginais que se camuflam de justiceiros perante a comunidade. Há aqueles que matam apenas quem a comunidade, ou ele próprio, avalia como sendo marginal. E tem os que matam por dinheiro, contratados por moradores molestados (menos comum), ou por comerciantes atingidos por furtos e roubos. Há também justiceiros que mantêm ligações com a polícia. Em todos os casos ele é uma figura temida e admirada pela comunidade, está sempre situado entre o herói e o bandido. Ele protege e pune, não deixa que anormalidades venham ferir o cotidiano das pessoas, mas por vezes torna-se a própria anormalidade.

"E esse Pitico falou que mata só pra ver o tombo, só pelo prazer. Teve um tempo aí que ele era defensor para algumas pessoas. Se entrasse bandido aqui, o pessoal ajuntava uma grana aí, e dava pra ele né, protegê aqui a favela. Ele matou umas 50 pessoas... faz quatro ou cinco anos que ouvi ele falando no Gil Gomes..."

Em uma primeira análise a tendência é as pessoas pobres da periferia, das favelas, serem simpáticas aos justiceiros, e por extensão à pena de morte, mesmo porque o justiceiro é a própria pena de morte não oficializada. O latrocínio, a violência e a droga são uma constante ameaça para os pais e filhos; alguém que livre o meio desses elementos é sempre bem-vindo. Esse juízo parcial das pessoas, reforçado pelos meios de comunicação e pelo Estado, não mostra a dimensão real do problema.

Ao sentir-se ameaçado, o mais lógico seria o morador fazer uma denúncia na delegacia próxima, mas a própria polícia discrimina os moradores pobres, principalmente se forem da favela. Diante desse impasse muitos se calam, outros procuram defender-se sozinhos, alguns mudam da

área quando sofrem ameaças ao tentarem tirar satisfação por algum desagravo. Mas existe aquele que busca a vingança:

"...Essas pessoas do Nordeste são maravilhosas, portadoras de uma coragem incrível... pra mudar é questão de minutos, temperamento, ações, as atitudes... Aí vêm esses bandidinhos da favela, chinelos nos pés, sai levando o aparelho de som daquele coitado... Ele é nordestino, não vai comentar nem fazer queixumes a ninguém, é próprio da personalidade deles. Guarda durante algum tempo, procura conhecer quem fez aquilo e chega pra conversar. Muitas vezes acaba sendo insultado e seu orgulho é ferido... naquele momento esse homem mudou. Deixa de trabalhar, faz um acordo na firma e compra um revólver, existe uma infinidade de fatos assim... Vai e mata os elementos que fizeram aquilo... aí continua o resto da vida dele..."

Aquele que mata logo é reconhecido pelos outros vizinhos como um cara "macho". Matar acaba se tornando um vício; o justiceiro começa a ser admirado pelos moradores porque de certo modo livra-os do convívio com os supostos marginais. Se matou é porque "ele devia". Esse pré-julgamento não leva em consideração nenhum antecedente da vítima, ou argumento mais profundo. Predomina o senso comum, baseado na realidade imediata circunscrita à localidade. Eles apenas deixam de admirar um justiceiro quando percebem que este se tornou igual aos outros marginais e passa a ser uma ameaça para a comunidade.

"Falam que os justiceiros são contra o tráfico de drogas. Mas na verdade o justiceiro mata um, dois, três e termina se envolvendo na mesma coisa. Fica sendo o meio de vida deles. Eles matam e começam a ser a mesma coisa que o bandido. Eles se dizem justiceiros para não ter a população contra. Pode não ser todos, mas a maioria acaba se envolvendo com drogas e termina sendo o meio de vida deles."

Na favela de Heliópolis houve tempos de exacerbada violência causada por justiceiros e grupos de extermínio; matava-se por muito pouco, principalmente menores

usuários de drogas. Muitas dessas pessoas não eram marginais, mas pelo fato de estarem usando maconha, por exemplo, acabavam sendo assassinadas. Esse tipo de ação vai ao encontro de pesquisa citada, que aponta os menores como as principais vítimas⁹. Conforme levantamento em jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, feito pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP¹⁰, a maior parte das chacinas praticadas está sempre associada ao uso e venda de drogas.

"Apesar de algumas pessoas sair disso, tem milhares entrando. Tem uma molecadinha aqui atrás, tudo novo, tudo de menor, tá nessa vida aí. Às vezes fico perguntando: por que toda essa molecada que conheci aqui na minha infância, tudo morreu? Mas sempre vem mais... morrem uns e volta, acho que agora tem bem mais..."

Não é comum um morador pagar para se cometer um crime, mas comerciantes das redondezas e até da favela chegam a se juntar para bancar a morte de marginais. Esse fato faz a função de justiceiro ter uma razão social para existir. O justiceiro passa de um objetivo pessoal de vingança para uma "profissão" remunerada, torna-se um "matador", conforme denominação usual dos moradores.

"Há pouco tempo aconteceu com três guris... Roubavam feito uns gatos: O Ninon, o Caveira e o Valdenice. Tem um campeonato né, e eles gostavam de jogar bola... Eu bati o olho e sabia o que ia acontecer. Ainda cheguei a falar pro Ninon: desce essa ribanceira e vai embora que você vai morrer. Ele levantou a camisa e disse: aqui ó, que venha. Ele terminou de falar, entrou um no campo e deu um tiro de 44 bem no meio de sua cabeça. Os outros correram mas morreram também. Foi bem planejado, e foi coisa custeada por comerciantes. Mãe foi atrás de justiça mas não adiantou nada. Antecedente é coisa que derruba as pessoas..."

Este é um exemplo de como agem os justiceiros contratados. Neste caso, mesmo a família das vítimas tendo procurado a justiça, pelos antecedentes dos filhos, não foram devidamente atendidas; a polí-

cia parece considerar, conforme dito popular, que "se é bandido tem de morrer mesmo". Dentro dessa linha, é comum uma certa amizade entre alguns policiais e os "pé-de-pato" (gíria policial). Há evidências de justiceiros que acabam fazendo o "trabalho" dos policiais para não comprometê-los, em troca de liberdade e proteção.

A ação dos justiceiros é bem vista junto à população ameaçada. Quando as coisas apertam os próprios moradores se organizam para uma solução, mesmo que o resultado não seja o mais correto sob o ponto de vista de entidades que defendem a ética e os Direitos Humanos. Por exemplo, tirar justiceiros da cadeia: "Eu lembro uma época que o Didi foi preso; o pessoal passou abaixo-assinado e conseguiu tirar ele com muito dinheiro, pagaram advogado por um bom tempo. E não foi só ele que saiu não, teve três ou quatro...", afirma uma moradora de Heliópolis. De certa forma o fato explica a defesa da pena de morte pela população. A própria comunidade, na prática, por intermédio de terceiros, faz justiça pelas próprias mãos.

"... os justiceiros são dados como heróis. O pessoal dá um dinheiro, paga uma cerveja, uma pinga e fica um pouco mais em segurança. Se a família conhece o justiceiro, ele diz: pera aí, essa família não, ela tem a minha marca. Se de repente o cara paga uma cerveja, dá um dinheiro, acho que é a forma mais simples de comprar um justiceiro, desde que não seja para matar. Quando é pra matar, o 'bicho' é bem maior. Mata num dia e no outro tá andando aqui na favela..."

Alguns moradores de Heliópolis consideram a ligação de justiceiros com a polícia como um meio dessa instituição dar conta do seu trabalho. Se de um lado existe a figura do justiceiro cometendo crimes considerados ilegais, por outro existem os crimes oficiais cometidos por alguns policiais: são as famosas "derrubadas". Uma pesquisa de Caco Barcellos¹¹ aponta que a maioria dos confrontos entre marginais e policiais da ROTA-Rondas Ostensivas Tobias Aguiar, com a morte dos primeiros, não trouxe quase baixas entre os policiais, ao contrário de outros países onde as baixas dos dois lados se equivalem. Conforme

o dito popular - a polícia atira primeiro e depois pergunta o nome - parece que o crime foi institucionalizado. Tivemos prova disso em recente assassinato frente às câmeras de televisão (Rio de Janeiro) de um marginal já rendido.

Outro caso, menos conhecido, foi o de Theodoro e Dirley, dois menores pegos pela polícia, dentro da favela de Heliópolis (não moravam na área e nem eram marginais). Eles foram mortos com requintes de crueldade em Riacho Grande, S.B. do Campo. O caso foi solucionado com o auxílio do movimento de moradia e de entidades; os assassinos foram levados à julgamento pela Justiça Militar. Este episódio também é relatado com detalhes por Caco Barcellos¹², que constatou um aumento desproporcional da violência policial em relação aos índices de criminalidade em São Paulo, desde que foi criada a ROTA, uma herança da ditadura. Mesmo após a "abertura política" a ROTA continuou seu truculento trajeto. Mata-se na "troca de tiros" com marginais, mas essa troca de tiros alegada em boletins de ocorrências pode não ser a versão mais correta, mesmo porque é unilateral.

O descrédito na instituição policial é visível na periferia onde não há um mínimo de prevenção. Pinheiro¹³ fez estudo sobre a ação policial entre 81 e 89, e mostra-nos como ela é violenta e autoritária em São Paulo. Volta e meia policiais invadem barracos à procura de bandidos sem respeitar o direito constitucional de privacidade das pessoas. A palavra do morador pobre da periferia tem pouco valor perante a polícia, ele também é por princípio considerado um transgressor até prova em contrário. Houve pelo menos três casos de menores inocentes de Heliópolis serem mortos, dois deles pela ROTA.

"Acham (polícia) que todo mundo aqui é bandido. Apesar que a maioria das pessoas é de bem, são famílias boas, mas isso eles não querem saber. A gente não sabe se é melhor ter a polícia ao lado ou não. Se tem a polícia ao lado, tem os bandidos que ficam contra, né. Então, já que os bandidos dão uma força aí, as pessoas preferem ficar do lado dos bandidos, acham que nada vai acontecer enquanto esse bandido tiver vivo... tem que procurar conviver, né..."

De um lado o morador tem uma polícia repressora e intimidatória, que usa a psicologia do medo e da redução das pessoas. De outro, uma convivência social obrigatória com os marginais, já que vivem e freqüentam o mesmo espaço. Essa relação leva os moradores a conhecerem por dentro a violência e a criminalidade, e a desenvolverem certos mecanismos de defesa.

Os roubos considerados grandes (bancos, lojas, firmas e outros), geralmente executados por quadrilhas, acontecem fora da favela. A área serve apenas para esconder a "muamba", graças à quantidade de becos, ruas e vielas estreitas. Os marginais organizados mantêm vínculos de amizade com os moradores, que por sua vez não comentam o que porventura saibam. É um código não escrito, mas obedecido; se for quebrado, certamente haverá conseqüências.

"O pessoal que conheço, que é de quadrilha, assalta bancos, eu falo com eles: bom dia, boa tarde. Sei que tem o chefe, de vez em quando morre um, sei que o pessoal que tá lá vai morrer daqui a pouco. Mas eu não procuro saber mais, é uma coisa que não me interessa, engraçado né. Eu não aprofundei pra analisar, é como aprendi a agir..."

Outro tipo de violência é a morte por envolvimento de membros de uma família com marginais. Algumas vezes a pessoa revoltada acaba denunciando para a polícia, mas em seguida é obrigada a mudar para não morrer, vendendo sua moradia por qualquer preço. Em outros casos, mesmo sabendo quem são os autores do crime, as pessoas preferem se calar e não fazer a denúncia. Os moradores deixam de seguir os conselhos das autoridades para que denunciem, por medo da própria polícia ou dos criminosos, ou ainda por simples prudência. O morador sabe que se ficar quieto, ele e sua família não serão molestados; é a lei do silêncio.

"... se um pai de família vai passando e vê eles matarem, não denuncia. O cara que tá matando tá vendo quem assiste. Então se sair o boato ele vai ser atingido em seguida. Depois tem outro problema, a polícia chega e pergunta: você viu? Se o cara fala que viu,

é a própria polícia que vai entregar o cara que viu. O povo sabe que a polícia pode chegar a esse ponto. Ai a polícia pergunta porque ninguém viu nada. Isso é chantagem porque eles sabem porque o povo não fala; é porque tem medo da própria polícia. A polícia só vem aqui quando alguém morre. Dizem: depois que tiver morto chama que a gente vai. Não tem prevenção nenhuma."

Observamos circuitos diferentes no cotidiano dos moradores e marginais. Cada um deles procura levar sua existência sem atritos com o outro, e quando acontece, resolvem segundo seus pontos de vista, da melhor maneira possível e sem o envolvimento de terceiros, no caso a polícia. Essa normas fazem parte da vida na favela. Como disse um morador, *"aqui todos se conhecem, é como se fosse uma grande família"*. A convivência, no cotidiano da favela, entre marginais e moradores, demonstra o quanto a passividade está longe das pessoas.

"Arma aqui dentro é a coisa mais fácil. Quase todo mundo tem arma aqui... tem sempre uma pessoa passando armas pra outro né..."

Tanto no caso da criminalidade como em outras questões, o morador da favela não é ingênuo; ele sabe se defender, sabe como funciona a violência e como conviver com ela. Ele conhece, à sua maneira, a essência dos fatos que o cercam. Ele sabe quem é o bandido e a polícia e como se comportar diante dos dois. A realidade presente ensina-o a buscar vantagens para si e sua família. O cotidiano do morador não é fatalidade e conformismo, mas uma luta concreta pela sobrevivência.

"Eu achava que a violência era só física, mas não conseguia enxergar que foi uma violência muito grande que me fez vir do Piauí para cá. Foi uma violência eu ter sido forçado a vir morar na favela. A pessoa que mata para roubar, isso são causas formadas por uma violência maior que é a fome, o analfabetismo, um monte de coisas que leva a isso..."

* Ariovaldo Malaquias é mestre em História - PUC/SP e jornalista.

NOTAS

1- "O cotidiano do Morador da Favela de Heliópolis (1971-1992)", tese apresentada em 1994 - Programa de Pós-Graduação em História da PUC-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

2- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, "Heliópolis, o Percurso de uma Invasão", tese de doutorado apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo-FAUUSP, São Paulo-1990. Esse trabalho na área da arquitetura procura construir um histórico bem elaborado de Heliópolis, mostrando, inclusive, como a organização dos moradores teve influência na conquista da terra.

3- "Pesquisa Sócio Econômica de Heliópolis 1986/87", Ágora-Arquitetura e Planejamento S/C Ltda. - Estudo solicitado pela Cohab-Cia Metropolitana de Habitação de São Paulo.

Esta pesquisa foi feita sobre a totalidade dos moradores de Heliópolis, apontando a presença de 21.303 pessoas no local, à época do levantamento. Dentre estas, 50% aproximadamente moravam em barracos e os outros em casas de alvenaria, a maioria precárias. Nesses oito anos a área da favela foi totalmente tomada; as lideranças locais estimam a presença de mais de 50 mil pessoas no local. Outra pesquisa (Vetec/92) também encomendada pela Cohab, constatou que hoje a maior parte das casas é de alvenaria, o que indica uma melhora considerável e relativa das condições de vida dos moradores de Heliópolis.

4- PINHEIRO, Paulo Sérgio, "São Paulo: People on the Margin and Civil Society", arquivo do Centro de Estudos da Violência da USP.

5- "Vidas em Risco: Assassinato de Crianças e Adolescentes no Brasil", Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 3ª ed., RJ, IBASE, 1991.

6- Todos os depoimentos citados nesse artigo são de moradores da favela de Heliópolis, Zona Sul de São Paulo, sendo seus nomes preservados por questões de segurança. Também utilizei-os em minha dissertação de mestrado. Os grifos são meus.

7- *ibid.*: "Vidas em Risco: Assassinato de Crianças e Adolescentes no Brasil". Segundo os autores, a "economia submersa" é dividida em dois tipos: informal e ilegal. "No primeiro tipo encontram-se, por exemplo, o engraxate, o vendedor ambulante, o guardador de automóveis, o lavador de carros que oferecem serviços socialmente aceitos; já no segundo tipo, há o assaltante, o contrabandista, o traficante sobre os quais incidem medidas repressivas de caráter penal. Embora o limite entre estas ocupações possa parecer tênue, não se justifica a imagem do pobre freqüentemente associada a do (vir-a-ser) bandido" (pág. 44).

8- ENZENSBERGER, Hans Magnus, "Reflexões diante de uma vitrine", in Revista USP, nº 9, 1991.

9- *ibid.*: "Vidas em Risco: Assassinato de Crianças e Adolescentes no Brasil".

10- Núcleo de Estudos da Violência, Cidade Universitária, São Paulo-SP.

11- BARCELLOS, Caco, "Rota 66", 9ª ed., SP, Globo, 1992.

12- *idem*, *ibidem*.

13- PINHEIRO, Paulo Sérgio e outros, "Violência Fatal: Conflitos Policiais em São Paulo (81-89)", in Revista da USP, nº 9, pág.95, São Paulo, SP.